

Povo indígena Apinajé: ritual da tora grande (párkaper)

Carina Alves Torres¹

Miguel Oliveira Costa²

RESUMO

O presente artigo analisa o ritual da festa da tora grande do povo indígena Apinajé, através da observação participante, na aldeia Brejinho. O povo indígena Apinajé cultua com muita frequência os rituais e festas tradicionais, a corrida de tora é um ritual para homenagear as pessoas falecidas, como demonstração do fim do luto. O ritual festivo, na aldeia Brejinho, ocorreu entre os dias 23 de agosto de 2019 e 04 de setembro de 2019. A metodologia utilizada, neste trabalho, foi a qualitativa, com o método da etnografia e técnica da observação participante. Através da pesquisa de campo, notamos a relevância social que este ritual representa na cultura Apinajé, sendo perpetuada com bastante constância, nos dias atuais.

PALAVRAS-CHAVE: Povo Apinajé. Festa. Corrida de tora. Ritual.

Pueblo Indígena Apinajé: ritual del gran tronco (párkaper)

RESUMEN

Este artículo analiza el ritual de la fiesta del gran tronco del pueblo indígena Apinajé, a través de la observación participante en la aldea Brejinho. Los indígenas Apinajé a menudo adoran los rituales y festivales tradicionales, la carrera de troncos es un ritual para honrar a los fallecidos, como una demostración del fin del luto. El ritual festivo en la aldea de Brejinho tuvo lugar del 23 de agosto de 2019 al 4 de septiembre de 2019. La metodología utilizada en este trabajo fue cualitativa con el método de etnografía y la técnica de observación participante. A través de la observación, noté que la relevancia social que este ritual representa en la cultura Apinajé se perpetúa con gran constancia en la actualidad.

PALABRAS LLAVE: Povo Apinajé. Fiesta. Carrera de troncos. Ritual.

¹ Mestranda do Programa de Pós Graduação em Estudos de Cultura e Território, Universidade Federal do Tocantins (UFT), Palmas, Tocantins, Brasil. E-mail: carinatorres123alves@gmail.com.

² Graduando em Pedagogia pela Universidade Federal do Tocantins (UFT), Palmas, Tocantins, Brasil. E-mail: miguel1993costa@hotmail.com.

Introdução

A etnia indígena Apinajé está localizada no extremo norte do estado do Tocantins, nos territórios das cidades: Cachoerinha, Maurilândia, São Bento e Tocantinópolis. O território é de 142 mil hectares, com uma população de 2342 pessoas, segundo os dados da Siasi/Sesai, de 2014. A família linguística é Jê e a língua materna é Apinajé. São classificados como Timbiras Ocidentais, além de serem caracterizados por ter uma organização social com vários sistemas de metades cerimoniais. Curt Nimuendajú (1983) denominou os Panhĩ³ como Timbiras e outros povos Indígenas por possuírem vários aspectos culturais em comum. Nimuendajú (1983) aponta que o primeiro contato dos Apinajé com os Kupê⁴ ocorreu em 1774, quando Antônio Luiz Tavares navegou pelo rio Tocantins e viu uma grande quantidade de “índios” na margem esquerda do rio, próximos às cachoeiras de Três barras e de Serra Quebrada. Na medida em que eram abertas mais entradas entre os rios Tocantins e o rio Araguaia, o contato se tornou mais constante. Nimuendajú (1983) refere-se a vários contatos dos índios com a sociedade nacional, no século XVIII, em que o rio Tocantins era o ponto principal desses contatos, devido o crescimento das navegações.

Este trabalho é parte da pesquisa qualitativa pautada nas concepções de Mynaio (1994), “a pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa nas Ciências Sociais com um nível de realidade que não pode ser quantificado [...]” (MYNAIO, 1994, p. 21). A partir desta citação, observa-se que a pesquisa qualitativa parte de uma minuciosa compreensão acerca dos fenômenos sociais que estão em constante processo de transformações. Assim, a investigação social não pode ser quantificada no nível da pesquisa quantitativa. Realizamos a observação participante na festa da Tora Grande. Valladares (2005) aponta que a observação participante exige do pesquisador uma boa atenção para ouvir e escutar os interlocutores, implicando um processo longo, em várias situações o pesquisador passa meses negociando sua entrada na “área” de pesquisa. Mallinowsk (1976) foi o precursor da pesquisa de campo, desta maneira, nos referenciamos neste autor para a realização desta pesquisa, na aldeia Brejinho.

³ Como os Apinajé se reconhecem.

⁴ Não indígena.

1. Aspectos territoriais e culturais do povo indígena Apinajé

No ano de 2018, o território indígena Apinajé possuía 45 aldeias, organizadas por dois Pin⁵: São José e Mariazinha. O território é atravessado pela BR-230 (rodovia Transamazônica), próxima da aldeia Mariazinha, uma das aldeias centrais; e a TO-126, próxima da aldeia São José, outra aldeia central, do povo indígena Apinajé.

Sobre os mitos da cultura indígena Apinajé, destacamos o da criação:

eles acreditam que surgiram a partir do sol e da lua, que desceram na terra que estava vazia e deserta, fizeram as plantas, animais e bichos. O sol fez uma aldeia, convidou a lua e fizeram uma roça e plantaram cabaça, quando amadureceram jogaram para beira do rio, depois de atiradas na água, de cada uma surgiu um ser humano. Assim, o sol chamou seus filhos de Kolti e a lua chamou de Kolre. Ainda fizeram um acordo: que os Kolti casariam com os Kolre, assim a lua e o sol voltaram para o céu. Os Kolti se distinguem pelo uso da cor vermelha (Tinta de urucú), os Kolre pela cor preta (látex vegetal com pó de carvão) (NIMUENDAJU, 1983, p. 18).

Na etnia Apinajé, a cultura e a natureza não andam separadas, o simbólico orienta o “tempo certo” para tudo, como para plantar, caçar e pescar. Diegues (2001) cita que nas sociedades primitivas existe uma simbiose entre homem e natureza:

Existe uma simbiose entre homem e natureza, tanto no campo das atividades do fazer, das técnicas e da produção, quanto no campo simbólico. Essa unicidade é muito mais evidente nas sociedades indígenas brasileiras, por exemplo, em que o tempo para pescar, caçar e plantar é marcado por mitos ancestrais, pelo aparecimento de constelações estelares no céu por proibições e interdições. (DIEGUES, 2001, p. 61).

Esta relação entre cultura e natureza é bastante visualizada no tocante ao manejo da roça, onde as mulheres conversam com as plantas, cuidando delas como se cuidam de um filho. Além de realizarem rituais para espantar o *karõ*⁶.

O Território Indígena Apinajé possui uma fitofisionomia com o tipo de cobertura vegetal de contato savana-floresta Ombrófila, floresta Ombrófila aberta e savana. Com bacias hidrográficas dos rios Tocantins e Araguaia, o bioma é o cerrado. Através destas informações percebemos que o território é caracterizado por ter recursos naturais em abundância, como por exemplo, água e solo. Raffestin (1993) ressalta que os recursos água e solo são objetos de relações de poder:

⁵ Pin: Divisão das aldeias centrais deste povo.

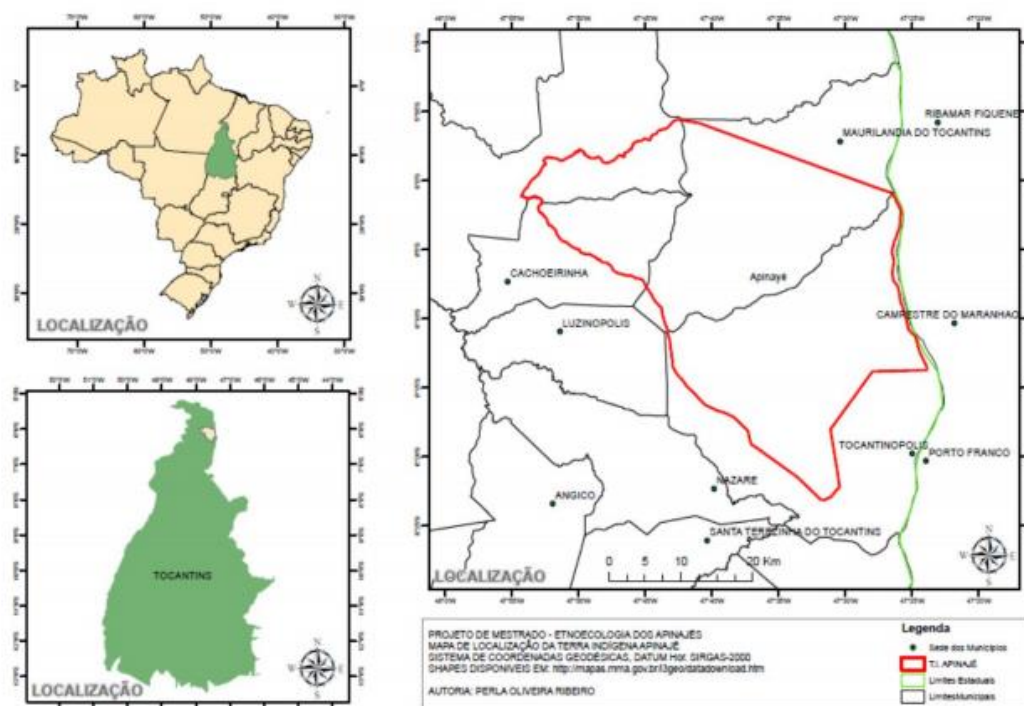
⁶ *Karõ*: alma

[...] e estão no centro de estratégias múltiplas, estão integrados em técnicas que evoluem constantemente. As técnicas de utilização do solo e da água não param de ser aperfeiçoadas, para obter plantas e animais alimentares ou não. Porém, essas técnicas são consumidoras, num nível cada vez mais elevado, de recursos não-renováveis e, em particular, de energia. [...] (RAFFESTIN, 1993, p.231).

Os recursos naturais solo e água estão entre os fatores recorrentes de conflitos entre os povos indígenas e a população local. O processo de demarcação de terras acirram esses episódios, devido os contatos interétnicos. Outra característica do território é a abundância dos babaçuais, havendo também vários tipos de cerrado, como aponta Giraldin (2000), “em alguns casos, mesmo de manchas de floresta *hylea*, prevalecendo à ocorrência de floresta de galeria nas margens dos vários cursos d'água que banham a região” (GIRALDIN, 2000, p. 4).

Na Figura 1, a seguir, visualizamos o mapa do Território Indígena Apinajé, situando o estado do Tocantins e as cidades que circundam o território.

Figura 1 – Mapa de localização do Território Indígena Apinajé



Fonte: Ribeiro (2015).

2. Ritual da tora grande (*pàrkaper*)

O povo indígena Apinajé realiza e cultua rituais tradicionais. O ritual da tora grande é cultuado para homenagear os falecidos. Ele se resume em um processo que as pessoas saem da rotina cotidiana da aldeia e embarcam no simbolismo. Peirano (2003) caracteriza o sistema ritualístico:

O ritual é um sistema cultural de comunicação simbólica, ele é constituído de sequências ordenadas padronizadas de palavras e atos, em geral expressos por múltiplos meios. Estas sequências têm conteúdo e arranjo caracterizados por graus variados de formalidades (convencionalidade), estereotípias (rigidez), condensação (fusão) e redundância (repartição) (PEIRANO, 2003, p. 11).

As festividades e rituais movimentam as aldeias, provocando um trânsito entre aldeias, as pessoas vão de carro, ônibus, caminhão e a pé para as aldeias que estão realizando festas. A aldeia Brejinho é conhecida por ter tido uma liderança mulher por muito tempo, a mesma faleceu em 2016. Atualmente, a aldeia Brejinho é chefiada pelo cacique Zé Cabelo, conhecido em todo território por cantar na língua Apinajé, nas festividades da cultura Apinajé. Em conversa com uma moradora da aldeia São José, ouvimos:

A festa da tora grande este ano na aldeia Brejinho tá muito animada, a cacica Maria Almeida foi uma pessoa que lutava pelo povo, trabalhava muito na sua roça com roças extensas. O Zé Cabelo genro dela chamou muitas pessoas para prestigiar, a minha mãe gosta de acompanhar ele nas cantorias. Neste ano também a festa é para prestigiar o filho da Maria Almeida Irã que faleceu de acidente de carro, a família sofreu muito com estas duas perdas (Delinan, aldeia São José).

Nas palavras de Delinan percebemos a sua empolgação em falar sobre a festividade na aldeia Brejinho, em citar a cacica Maria Almeida por ser uma liderança que lutava pelo povo e fazia muita roça em sua aldeia.

Durante a observação participante, observamos as toras que foram tiradas e levadas para a corrida, como mostra a Figura 2, a seguir:

Figura 2 – Toras de buriti



Fonte: Arquivos pessoais, 2019.

Antes de a festividade iniciar, os organizadores da festa contratam alguém para cortar as toras de buriti, ou um familiar da pessoa falecida. A família da falecida Maria Almeida contratou uma pessoa para cortar as toras este ano. Os organizadores da festa cultivaram uma roça com mandioca, feijão, batata, abóbora, arroz e milho para ajudar na alimentação das pessoas. Há todo um simbolismo na representação das toras que significam as pessoas falecidas. São dois clãs que correm com as toras nos ombros, o *Wamenhmê* e o *Katãm*. Para a realização da corrida, há toda uma preparação na aldeia, as mulheres pintam os homens seguindo o clã dos nomes. Os homens do clã cantam e são pintados com a tinta de urucum e jenipapo. O clã *Katãm* com pinturas horizontais e o clã *Wamenhmê* com pinturas verticais.

Figura 3: Preparação para a festa



Fonte: Arquivos pessoais, 2019.

Os homens usam enfeites feitos pelas mulheres, durante a corrida, para a estética dos corredores. A festa inicia em torno das 16h, em um determinado local do território. Os homens saem correndo com a tora de buriti que pesa, aproximadamente, entre 50 a 60 kg, revezando as toras entre os partidos. Algumas mulheres e crianças acompanham a corrida levando água e tirando fotos. A corrida se encerra no pátio da aldeia. Quando os corredores chegaram ao pátio, as mulheres que ficaram na aldeia levaram água e comida para os homens, para recuperarem as forças. Depois, o Zé Cabelo começou a cantar e a dançar. Na Figura 4, a seguir, percebemos o momento em que Zé Cabelo está servindo comida para os corredores.

Figura 4 – O cacique Zé Cabelo servindo comida aos corredores da Tora



Fonte: Arquivos pessoais, 2019.

Em conversa com o cacique Zé Cabelo:

A festa foi organizada por mim e minha esposa, filha da cacica Maria Almeida, a festa iniciou no dia 23 de agosto e terminou dia 04 de setembro, este ano a festa é em honra a dona Maria Almeida e seu filho Irã. A festa já era pra ter sido realizada, só que não tinha dinheiro para fazer. Os homens estão correndo mais de 3 km, a Tora grande será mesmo dia 4, a tora será deixada no cemitério.

Após a cantoria da chegada da Tora, os homens se organizam em fileira para receber a lapada com palha de coco babaçu para recuperar as forças. Depois voltaram a cantar e a

dançar. Durante este ritual, várias pessoas estavam registrando o momento com o celular, mostrando, assim, os contatos interétnicos dos Apinajé, ao incorporarem o uso do celular em seu cotidiano, para registrar as festividades. Logo após a cantoria, iniciou as brincadeiras do pátio que foram a da laranja e a corrida dos partidos. Todas as pessoas estavam presentes no pátio, torcendo pelos clãs. Percebi que outras pessoas da cidade estavam na festa, vendendo pipoca, refrigerante e geladinho, mostrando, assim, os novos hábitos alimentares que os Apinajé possuem, atualmente. No finalzinho da tarde, ocorreu a dança de rua, onde todas as pessoas presentes começaram a dança em roda, sem distinção dos partidos.

Conclusão

A observação participante realizada na aldeia Brejinho foi relevante para compreender o ritual da festa da Tora Grande. Observamos que há toda uma preparação e movimentação dos organizadores e participantes da festa. A festa é a finalização do luto de um ente querido, desta maneira, as pessoas passam vários dias em festa homenageando a pessoa falecida. As toras são retiradas do buriti, fruto cultural deste povo. A aldeia que realiza esta festa arca com as despesas e estadia das pessoas de outras aldeias. Durante a observação participante, notamos que tinham algumas pessoas preparando farinha, além de ver uma roça extensa na aldeia.

O ritual da corrida de Tora movimenta as aldeias, pois as pessoas transitam com bastante frequência, pelas estradas, para participar da festa. Chegam à aldeia festiva de moto, ônibus, carro e a pé. Notamos a presença de vários não indígenas participando da festa, vendendo geladinho, pipoca e refrigerante. Durante a festa, ocorrem danças e brincadeiras, além de muito choro, ao final da festa, quando levam as toras para o cemitério. O ritual da Tora é um dos aspectos culturais de muita importância para o povo indígena Apinajé, sendo bastante perpetuado nos dias atuais, apesar de algumas mudanças que ocorreram no ritual, ao longo dos anos.

Referências

DIEGUES, Antonio C. Introdução e partes 1, 2, 3, 4 e 5. *In: _____*. **O Mito Moderno da Natureza Intocada**. 6. ed. São Paulo: Hucitec, 2008, 200 p. p. 17-76.

GIRALDIN, Odair. **Axpên Pyrak: história, cosmologia, onomástica e amizade formal Apinayé**. 296 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Os Argonautas do Pacífico Ocidental**. São Paulo: Abril Cultura, 1978.

MYNAIO, Cecília de Souza *et al.* **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

NIMUENDAJÚ, Curt. **OS APINAYÉ**. Belém: Museu Paraense Emilio Goeldi, Belém, 1983. 146 p.

PEIRANO, Mariza. **Rituais Ontem Hoje**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

RAFFESTIN, C. **Por uma Geografia do Poder**. São Paulo: Ática, 1993.

RIBEIRO, Perla Oliveira. **Plantas-filha e a beleza das roças: o lugar das plantas na cosmologia Apinajé**. 91f. Dissertação (Mestrado em Ciências do Ambiente) – Universidade Federal do Tocantins, Palmas, 2015.

VALLADARES, Lícia. **Os dez mandamentos da observação participante**, Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 22, n. 63, 2005.

Submetido em 11 de setembro de 2019.

Aceito em 28 de abril de 2020.

Publicado em 30 de abril de 2020.